

Tempo

TEMPERATURA: >40° 37°/40° 33°/36° 29°/32° 25°/28° 20°/24° 16°/19° 12°/15° <12°

PREVISÃO: Sol, Nublado, Chuva, Neve, Granizo, Tempestade, Neblina, Gelo, Ventosidade



PROVÍNCIA	ZONA SUL	ZONA NOROCCIDENTAL	ZONA NOROCCIDENTAL	SEVERALIDADE	PROBABILIDADE DE CHUVA
PARANÁ	22°00' - 22°30'	22°30' - 22°50'	22°50' - 23°00'	22°00' - 22°30'	Baixa
PARANÁ	22°30' - 22°50'	22°50' - 23°00'	23°00' - 23°10'	22°30' - 22°50'	Baixa
PARANÁ	22°50' - 23°00'	23°00' - 23°10'	23°10' - 23°20'	22°50' - 23°00'	Baixa
PARANÁ	23°00' - 23°10'	23°10' - 23°20'	23°20' - 23°30'	23°00' - 23°10'	Baixa
PARANÁ	23°10' - 23°20'	23°20' - 23°30'	23°30' - 23°40'	23°10' - 23°20'	Baixa
PARANÁ	23°20' - 23°30'	23°30' - 23°40'	23°40' - 23°50'	23°20' - 23°30'	Baixa
PARANÁ	23°30' - 23°40'	23°40' - 23°50'	23°50' - 24°00'	23°30' - 23°40'	Baixa
PARANÁ	23°40' - 23°50'	23°50' - 24°00'	24°00' - 24°10'	23°40' - 23°50'	Baixa
PARANÁ	23°50' - 24°00'	24°00' - 24°10'	24°10' - 24°20'	23°50' - 24°00'	Baixa

CAMELIA ARAUJO

cameliaaraujo@globo.com.br

Do alto dos 11 metros da torre de observação do Parque Natural Municipal Barão de Mauá, em Magé, o resultado de um trabalho minucioso. Ao longo de 13 anos, dez pescadores locais replantaram 113 hectares de mangue na região da Praia de Mauá, terra descredenciada por ambientalistas após o derramamento de 1,3 milhão de litros de óleo de um duto da Petrobras, em janeiro de 2000. Além do replantio, o parque passou por revitalização e, a partir do mês que vem, vai ter infraestrutura para receber visitantes com mais segurança: um deque suspenso (como uma passarela) que permite passear pelo mangue, alojamento para pesquisadores, banheiros e uma sede administrativa.

Em torno do deque, as árvores parecem formar um túnel verde, em dois circuitos de caminhada, cujos nomes homenageiam o ambientalista Alfredo Sirkis (1950-2020) e o cantor Gilberto Gil, ambos apoiadores do parque.

De perto, é possível conferir seis espécies de caranguejo: chama-maré, caranguejo-uçá, catanhinha, marinheteo, araru-vermelho e gualumum. Entre os mamíferos, marcam presença capivara, guaxinim e raposa. Há ainda 107 espécies de aves, como pica-pau-de-cabeça-amarela, sacuraba-do-mangue e colhereiro-americano. A vista será feita por agendamento e com guias.

— Antes a gente fazia os passeios andando em cima de pallets direto no mangue. Era tudo improvisado. A gente recebia crianças de algumas escolas e não tinha estrutura — disse Mantu, como é conhecido Ademir Carlos da Silva, educador ambiental e gestor adjunto do parque.

VISÃO EM 360 GRAUS

Ao longo do trajeto pelo deque, painéis informativos vão contar curiosidades sobre o parque e ajudar a identificar e diferenciar uma árvore da outra. Uma torre de observação construída no local permite a visão 360° da Baía de Guanabara. Da praça, o Parque Nacional Serra dos Órgãos (Parnaso), parte de Duque de Caxias, a Igreja da Penha, o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar, além das ilhas do Governador e de Paqueta, Niterói e São Gonçalo.

Alfabetizada e hoje repleta de preservação do passado. Diante da degradação intensa da região e depois de diversas tentativas de replantio, ambientalistas avaliavam que a terra estava praticamente condenada. Mantu não se conformou e, em 2004, por tentativa e erro, desenvolveu uma técnica que fez brotar mangue de novo.



Visão esbarrando. O Parque Natural Municipal Barão de Mauá, em Magé, ganha torre de onde vislumbre poderá ver a Baía de Guanabara e até o Cristo Redentor

Mangue na baía devastado por óleo recupera seu esplendor

Área de 113 hectares em Magé, reforestada por dez pescadores ao longo de 13 anos, ganha deque suspenso e torre para receber visitantes e pesquisadores



Cenário desolador. Antes do reforestamento, área atingida pelo derramamento de óleo estava sem vegetação

— As mudas que a gente plantava na linha d'água na maré baixa não se desenvolviam. Ficavam estressadas, porque já estavam na altura da água. Eu me di a linha de água da maré mais alta e coloquei as plantas mais para cima. Três meses depois tinha uma floresta inteira. Hoje tem essa floresta inteira — conta Mantu.

O histórico é de degradação. Nas décadas de 60 e 70,

a madeira do mangue era desmatada para uso na produção de tijolo, pelo alto potencial de calor. A região já sofria com assoreamento e contaminação por óleo antes dos anos 2000, só que em escala menor, segundo o biólogo Mário Moscatelli.

— Depois do vazamento, nós fizemos a abertura de valas, com uma série de canais de inundação e drenagem, para que a água do

mar voltasse a entrar e sair. A área estava extremamente alagada e o mangue não conseguia sobreviver. Gradativamente foi possível melhorar a qualidade do solo, para que fossem feitos os replantios de sucesso que o Mantu e a turma de pescadores conseguiram — relembra o biólogo, a época contratado pela ONG Onda Azul, com recursos da multa paga pela Petrobras.

Só na região do parque, há pouco mais de 30 mil toneladas de carbono presas na vegetação, conforme apontou um estudo do Núcleo de Estudos em Manguezais da Faculdade de Oceanografia da Uerj.

— Isso significa que mais de 132 mil toneladas de gás carbônico (CO2) foram capturadas da atmosfera. Isso é importante porque mostra a capacidade do mangue de proteger a atmosfera — explica Mário Soares, coordenador do núcleo.

As obras de revitalização e implantação da estrutura do parque foram feitas com recursos da prefeitura de

Magé, que informou ter aplicado R\$ 5 milhões.

— A gente espera que as pessoas visitem o parque, conheçam o mangue e desenvolvam carinho para entender a importância da preservação. Vendo isso aqui, o morador de Magé também cria outra relação com a cidade — diz Carlos Henrique Rios Lemos, secretário de Ambiente do município.

O VAZAMENTO DE 2000

Em 18 de janeiro de 2000, os pescadores de curral da baía não saíram para trabalhar. Uma mancha de óleo tomava a costa da Praia de Mauá, em Magé, depois que um duto da Refinaria Duque de Caxias (Reduc), da Petrobras, se rompeu, provocando o vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo combustível e graxa nas águas. A área, que já era degradada, parecia ter recebido a sentença final.

— A gente acordou com o óleo já encostando na beira-da-inteira. Ficou tudo tomado, não tinha como pescar. Por muito tempo, a gente resgatou os animais ruídos, dava banho e tentava salvar. Muitos não sobreviviam — relembra Mantu.

Sem o sustento, muitos pescadores foram trabalhar na iniciativa privada, outros no serviço público, e a maioria encontrou espaço na construção civil.

— Só depois de um sete anos algumas pessoas voltaram a pescar. Antes ainda tinha muito receio de o peixe estar contaminado. Teve um acordo, mas até hoje não recebemos a indenização — explica Mantu, que começou a pescar aos 21 anos na região.

Em nota, a Petrobras informou que celebrou acordo com a Federação de Pescadores do Rio de Janeiro (Feperj) em 2019 para pôr fim à ação judicial decorrente do vazamento. Segundo a empresa, ficou estabelecida a forma de recebimento dos valores pelos 12.180 pescadores definidos pelo Judiciário.

A Feperj informou que "a maioria dos relatos de não recebimento da indenização da Petrobras se refere a indivíduos que não estavam qualificados para receber", e que "o acordo da federação contempla especificamente os pescadores filiados às colônias da Baía de Guanabara listadas na decisão judicial".



Conheça RUMOS PLANETA - o maior movimento editorial brasileiro para promover práticas sustentáveis e enfrentar a mudança climática. Acesse umsoplaneta.globo.com